

BETAR & ARTES LETRAS

#192 | SETEMBRO | 2026

Reabertura do TNDM II

Três anos depois, o histórico palco
volta a receber o melhor do teatro

B
Betar



**Desde 1973
na vanguarda
da engenharia**



Lote 20 Belas Clube de Campo

FICHA TÉCNICA

Proprietário e Editor: **Grupo BETAR**
Sede: **Av. Elias Garcia nº 53, 2º Esq. 1000-148 Lisboa**
Direção: **José Tiago de Pina Patrício de Mendonça**
Redatora: **Cátia Teixeira**
Design: **Jonas Reker**



Setembro chega com as novas temporadas dos teatros, muita música e exposições para os mais diversos gostos, sendo que o grande destaque é a reabertura do Teatro Nacional Dona Maria II, após um encerramento de três anos, devido a obras. A primeira peça a subir ao palco será Macbeth, mas o teatro celebra o grande regresso também com exposições e música. Outras peças em cena este mês são “La Distance”, de Tiago Rodrigues; e “O Pai”, com encenação de Gonçalo Waddington. Na Fundação Serralves a proposta é uma exposição sobre a pintora norte-americana Alice Neel; o CCB reúne um conjunto de obras de José Pedro Croft; e o MAAT exhibe uma instalação de Pedro Cabrita Reis. No campo cinematográfico, a muito especial 20.ª edição do MOTELX celebra o melhor do cinema de terror. Para quem está mais interessado em concertos não faltam opções. O Festival Iminente comemora 10 anos de cultura urbana com mais de 100 atuações; a Orquestra Sinfónica Portuguesa e o Coro do Teatro Nacional de São Carlos juntam-se ao pianista Georgijs Osokins; os Placebo celebram cá o seu 30.º aniversário; e o São Luiz aposta novamente no Picadeiro Fest. E para os apaixonados pela dança, “Rinse” é um solo intimista que explora o romantismo; e “The Dog Days Are Over” apresenta uma coreografia extremamente exigente. Para a entrevista desta edição, fomos falar com o Arq. Rodrigo Machado Soares, da AQA, estúdio de arquitetura com quem estamos a desenvolver um projeto de 24 moradias em Sintra.



José Pedro Venâncio

editor convidado

EDITORIAL

BETAR

A Betar está a desenvolver o projeto de Fundações e Estruturas para a construção de 24 moradias unifamiliares, e áreas exteriores, em Sintra



odeado por natureza e espaços verdes, o Belas Clube de Campo é constituído por 24 moradias com espaço comum ajardinado e piscina coletiva. Trata-se de um lote com 7.698m², onde as futuras construções terão uma área bruta de construção de 5.712m², dedicada a habitação.

As casas apresentam uma cave destinada a estacionamento e arrumos, ou lugares de estacionamento exclusivos cobertos, dois pisos destinados a habitação, da tipologia T5, com áreas generosas e pátios privativos.

O projeto tem em conta o uso dos edifícios e a sua tipologia, assim como as soluções de arquitetura preconizadas, incluindo o dimensionamento e pormenorização de fundações, muros de suporte, coberturas e todas os elementos estruturais, de modo a assegurar a sua boa execução em obra e uma perfeita coordenação com a Arquitetura e restantes Especialidades.

Lote 20 Belas Clube de Campo

Projeto: 2026

Área: 5.712 m²

Dono de Obra: Houseliving

Arquitetura: AQA Arquitetos
Associados

Especialidades: Fundações
e Estruturas

À CONVERSA COM

Arq. Rodrigo Machado Soares

“Queremos afirmar a AQA como uma das principais empresas portuguesas de arquitetura e projeto, pela qualidade, pelo rigor, pela especialização e pela capacidade de criar valor”



Gostaria de começar por lhe pedir para nos falar um pouco do seu percurso profissional.

Formei-me em Arquitetura em 1998 e, ainda como jovem arquiteto, integrei a INTERGAUP, onde trabalhei durante cinco anos. Foi uma experiência determinante, porque me permitiu acompanhar projetos exigentes e compreender a arquitetura não apenas como exercício criativo, mas também como atividade de grande responsabilidade técnica, económica e humana.

Mais tarde, desenvolvi o meu percurso de forma autónoma e, em 2010, fundei a RMS. Ao longo dos anos, a empresa cresceu, diversificou a sua experiência e consolidou relações com clientes e parceiros. A criação da AQA resulta dessa evolução e do reencontro de duas histórias profissionais complementares. A união da RMS com a INTERGAUP permitiu criar uma estrutura com maior escala, mais competências e uma ambição comum para o futuro.

Trata-se de um projeto recente, mas com uma base muito sólida. Como descreve a evolução do atelier neste primeiro ano?

Este primeiro ano foi sobretudo um período de integração e construção. A AQA é uma marca recente, mas reúne décadas de experiência, uma equipa consolidada e um portefólio diversificado.

O principal desafio foi transformar duas empresas com histórias próprias numa única organização, com processos, cultura e objetivos comuns. Temos vindo a reforçar a gestão, a coordenação entre equipas, o

controlo da produção e o desenvolvimento de negócio, sem perder a proximidade dos sócios aos projetos e aos clientes. O balanço é muito positivo. Confirmámos que existia uma base sólida e uma oportunidade real para criar algo novo, mais estruturado e preparado para crescer.

A AQA não resulta apenas da junção das duas sociedades, pretende ser “um projeto diferenciador e transformador”. O que é que procuram em cada projeto?

Procuramos criar valor duradouro para as pessoas, para o cliente e para o território. Isso exige compreender quem vai usar os espaços, interpretar o contexto e responder aos desafios ambientais, sociais, económicos e tecnológicos do presente. Em cada projeto, começamos por identificar o problema certo. A qualidade arquitetónica é essencial, mas deve estar ligada à funcionalidade, à viabilidade, ao rigor técnico e à capacidade de execução. Queremos também acompanhar os projetos de forma mais integrada, articulando arquitetura, engenharia, coordenação e gestão de informação, para reduzir riscos e dar ao cliente uma resposta mais completa

Na apresentação do vosso site é referido que criam “espaço para crescer e fazer crescer arquitetos”. A AQA é também uma “escola” onde toda a equipa é envolvida?

Queremos que a AQA seja um lugar onde se trabalha, mas também onde se aprende, se assume responsabilidade e se cresce. A experiência dos sócios e dos



elementos mais seniores só tem valor se for transmitida às novas gerações. Procuramos envolver as equipas no raciocínio por detrás das decisões, na relação com os clientes e na compreensão global dos projetos. Estamos também a desenvolver critérios mais claros de progressão, avaliação, remuneração e prémios. A partilha de resultados deve ser sustentável, transparente e ligada ao desempenho coletivo e individual. O crescimento da empresa deve traduzir-se em oportunidades e reconhecimento para quem contribui para ele.

Quais considera que são as principais problemáticas, e o que está a mudar na profissão de arquiteto, e como vê a arquitetura nacional atualmente?

A profissão tornou-se mais complexa. Os projetos são mais exigentes, a regulamentação aumentou, os prazos encurtaram e os clientes estão mais profissionalizados. No entanto, os honorários nem sempre acompanharam essa evolução. Um dos desafios é demonstrar melhor o valor estratégico da arquitetura. O arquiteto deve participar mais cedo, ajudando a definir programas, testar cenários, avaliar riscos e apoiar decisões de investimento. A tecnologia está também a transformar a profissão. O BIM e a inteligência artificial não substituem o pensamento arquitetónico,

mas alteram processos, competências e formas de coordenação. A arquitetura portuguesa continua a ter enorme qualidade e reconhecimento. O desafio está em criar estruturas empresariais mais robustas, melhores condições de trabalho, maior especialização e uma presença internacional mais consistente.

O que espera para o futuro da AQA? Existe algum desafio que gostassem de experimentar?

Queremos afirmar a AQA como uma das principais empresas portuguesas de arquitetura e projeto, pela qualidade, pelo rigor, pela especialização e pela capacidade de criar valor. Pretendemos crescer de forma sustentável, participar em projetos de maior escala e complexidade, diversificar setores e reforçar a presença internacional. Queremos também evoluir para uma oferta mais integrada, aproximando arquitetura, engenharia e coordenação. Um desafio particularmente interessante seria participar desde o início num projeto de grande impacto territorial, contribuindo não apenas para o desenho dos edifícios, mas também para o programa, a estratégia e a relação entre investimento, território e comunidade.

Internamente, queremos que a AQA seja uma plataforma de crescimento para pessoas, competências e futuras parcerias.

ARTES



Alice Neel – Beautifully Imperfect

Esta mostra celebra a obra da pintora norte-americana Alice Neel, cuja visão singular desafiou as convenções sociais, estéticas e políticas do século XX. Neel via a imperfeição não como falha, mas como essência — uma expressão crua da condição humana e uma resposta aos modelos normativos de beleza, identidade e visibilidade. Organizada em torno de núcleos temáticos, a exposição aborda a intimidade, o corpo, o envelhecimento e as faces esquecidas da sociedade. Nas suas pinturas expressivas, Neel capta testemunhos de resistência e dignidade perante o apagamento social e convida à autenticidade e à empatia.

ATÉ JANEIRO DE 2027

Fundação Serralves, Porto

ARTES

José Pedro Croft: Reflexos, enclaves, desvios

A mais recente mostra de José Pedro Croft reúne um conjunto de gravuras, desenhos, relevos e esculturas que dialogam entre si, ao longo do espaço expositivo, e revela a investigação contínua do artista sobre corpo, escala, espaço e arquitetura, explorando os limites entre o plano e a tridimensionalidade. Organizada em dois eixos – entre o fazer gráfico e a tradição construtiva, e entre o rigor formal e a experiência sensorial – a exposição propõe um percurso contemplativo, capaz de contrariar o ritmo acelerado do presente e convidar o visitante a repensar a relação entre obra, espaço e percepção.

ATÉ 13 DE SETEMBRO



Museu de Arte Contemporânea - CCB, Lisboa

Setembro chega com as novas temporadas dos teatros - e a reabertura do TNDM II - muita música e exposições para os mais diversos gostos. Veja as nossas propostas para a rentrée cultural

ARTES



Pedro Cabrita Reis: Com o coração livre de cuidados

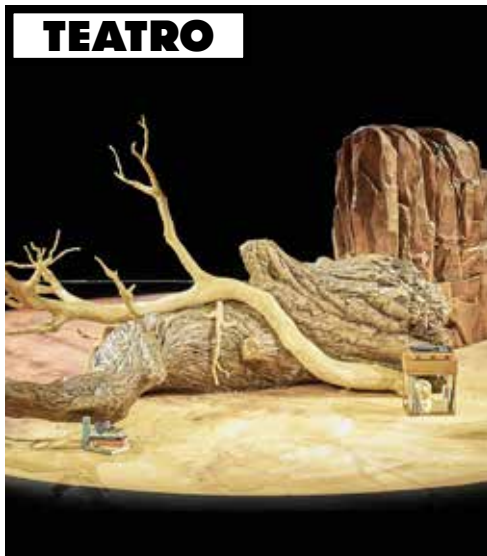
Um dos mais internacionalizados artistas portugueses, com numerosas presenças nos museus europeus, Pedro Cabrita Reis expandiu a sua obra do campo da pintura para o da escultura e da instalação, tendo sempre em conta os espaços arquitetónicos ou urbanos em que se insere.

O seu processo criativo é omnívoro na vontade de integração dos sinais da vida urbana ou rural, oriundos da “alta” ou da “baixa” cultura. A partir de destroços, fragmentos rejeitados, objetos banais e anónimos associados de modo inesperado e eficaz, o seu objetivo é magnificar sinais do que poderia ser visto como uma queda civilizacional. Nesta mostra, Cabrita Reis apresentará uma enorme instalação de pintura e um vasto e variado conjunto de peças de pequeno porte (desenhos, esculturas, assemblages e séries de outras pinturas).

ENTRE 16 DE SETEMBRO E 15 DE FEVEREIRO DE 2027

MAAT - Museu de Arte, Arquitetura e Tecnologia, Lisboa

TEATRO



La Distance

2077. Enquanto a humanidade luta para sobreviver na Terra, assolada pela precariedade económica e pelas consequências das alterações climáticas, parte da população vive exilada em Marte. A partir do Planeta Azul, um pai esforça-se por manter uma relação com a filha que partiu para o Planeta Vermelho. Através deste cenário distópico, Tiago Rodrigues explora tanto as consequências das nossas escolhas como a possibilidade de comunicação entre gerações. O artista coloca frente a frente dois mundos e imagina o seu diálogo em órbita sob a forma de chamadas de muito, muito longa distância.

ENTRE 10 E 20 DE SETEMBRO

Culturgest, Lisboa

TEATRO

O Pai

Um livre-pensador, cujo casamento corre mal, está envolvido numa luta com a sua esposa, Laura, por causa da filha de ambos. Ele quer mandar a menina para a escola e ela está determinada a mantê-la em casa sob sua influência. Laura resolve enlouquecer o marido e começa por insinuar que ele não é o pai da menina... Um texto de August Strindberg, a partir da tradução de António Cabrita e Luís Miguel Cintra, com a colaboração de Inga Gulander. A encenação é de Gonçalo Waddington e a interpretação está a cabo de Carla Maciel, Cecília Borges, Gonçalo Waddington, Hugo Narciso, Joana Bárcia, João Pedro Vaz e Miguel Sopas.

ENTRE 16 E 27 DE SETEMBRO



São Luiz Teatro Municipal, Lisboa

TEATRO



Reabertura do TNDM II – Macbeth

Depois de três anos fechado para obras de requalificação, o TNDM II reabre as suas portas – e fá-lo com uma ousadia e ironia irresistíveis. A primeira peça a subir ao palco será Macbeth, a mesma que estava em cena na fatídica noite de 2 de dezembro de 1964, quando um incêndio deixou o teatro em ruínas, alimentando as lendas e superstições que sempre rodearam esta tragédia de Shakespeare. Para além da estreia da peça, para celebrar a reabertura, entre os dias 18 e 20, será possível integrar visitas guiadas ao teatro; visitar as exposições “Contar o Processo” e “180 anos do Teatro Nacional D. Maria II”; e assistir à atuação do Coro do Recomeço. O regresso do TNDM II ao Rossio celebra-se também na rua, dia 18, com a praça como plateia e a fachada do edifício como palco, numa festa totalmente aberta à cidade. Teatro Nacional D. Maria II. **ENTRE 18 SETEMBRO E 31 OUTUBRO**

Teatro Nacional
D. Maria II, Lisboa
Tradução e encenação:
Pedro Penim
Interpretação: Ana
Coimbra, Ana Tang,
Bárbara Branco, Bernardo
de Lacerda, Hugo Van Der
Ding, João Grosso, José
Neves, José Raposo, June
João, Sandro Feliciano,
Stela e Vítor Silva Costa

MÚSICA



Festival Iminente

ENTRE 17 E 20 SETEMBRO ESCOLA IND. AFONSO DOMINGUES, LISBOA

O Festival Iminente comemora 10 anos de cultura urbana e música com mais de 100 atuações. Eis alguns dos destaques: Ana Lua Caiano, Capicua, Dino D'Santiago, Gisela João, Original Kappa aka Allen Halloween, Mind Da Gap, Sam The Kid com Orquestra e Orelha Negra, Mão Morta com João Barradas e Mariana Vilanova.

Variações Rococó de Tchaikovsky

DIA 13 DE SETEMBRO NO CENTRO CULTURAL OLGA CADAVAL, SINTRA

Este concerto propõe um percurso pelo romantismo europeu, reunindo obras de três compositores que ilustram distintas linguagens e sensibilidades musicais do século XIX, o compositor português Ângelo Carrero, Piotr Ilitch Tchaikovsky e Robert Schumann.



Coro TNSC, OSP e Osokins

DIA 19 DE SETEMBRO NO TEATRO CAMÕES, LISBOA

A Orquestra Sinfónica Portuguesa e o Coro do Teatro Nacional de São Carlos juntam-se ao aclamado pianista letão Georgijs Osokins para apresentar Mozart e Ravel: dois mundos, dois géneros. O prenúncio ideal da amplitude artística que define a temporada que se inicia.

Placebo 30th Anniversary Tour

28 SUPER BOCK ARENA, PORTO, E 29 SAGRES CAMPO PEQUENO, LISBOA

Celebrando três décadas desde o lançamento do seu revolucionário álbum de estreia, a lendária banda de rock alternativo apresenta "Placebo RE:CREATED", uma poderosa reinterpretação do disco que os revelou ao mundo em 1996.



MÚSICA

Picadeiro Fest 2026

Na sua segunda edição, este evento apresenta oito concertos de entrada livre em três espaços do Teatro São Luiz: Largo do Picadeiro, sala Bernardo Sasseti e sala Mário Viegas. O Picadeiro Fest traz a palco alguns dos artistas mais criativos dos dias de hoje, através de um programa eclético e abrangente em que se cruzam várias perspetivas e correntes da música atual.

Das sonoridades comunitárias e identitárias das Batucadeiras das Olaias ao universo aberto e ritualístico do Ensemble of Other Living Beings, passando pela reinvenção da música sacra em Requiem e pela improvisação radical de Duot with Strings.

O jazz contemporâneo marca presença com o Quarteto de Gonçalo Marques, enquanto Norberto Lobo apresenta o seu singular universo para guitarra solo e o trio Rhizome investiga os territórios da improvisação coletiva. **ENTRE 9 E 13 DE SETEMBRO**

São Luiz Teatro Municipal,
Lisboa

DANÇA



Rinse

O que é que os inícios têm de tão inebriante? Criada por Amrita Hepi, em colaboração com a australiana Mish Grigor, “Rinse” explora o romantismo dos começos e o que acontece a seguir, quando essas emoções iniciais esmorecem e a inércia se instala. Depois de uma apresentação marcante no Festival d’Avignon no ano passado, Hepi e Grigor questionam se viver na vertigem da extinção intensifica a sedução pelo passado. Um solo intimista, mas épico, baseado numa partitura improvisada, que aprofunda o fascínio de Hepi pelo hibridismo das formas, celebrando a dança como lugar de memória e de resistência. **DIAS 26 E 27 DE SETEMBRO**

Teatro do Bairro Alto, Lisboa

DANÇA

The Dog Days Are Over 2.0

Criado por Jan Martens em 2014 e recriado em 2025 com um novo elenco, “The Dog Days Are Over” tornou-se uma das obras mais emblemáticas do coreógrafo belga, após uma extensa digressão internacional, com mais de cem apresentações. Em cena, oito bailarinos enfrentam uma coreografia rigorosa, matemática e extremamente exigente, construída sobre sequências contínuas de saltos executados em aparente uniformidade. Entre repetição, exaustão e resistência física, os corpos procuram manter a precisão e a sincronização, mas acabam inevitavelmente por revelar fragilidade, esforço e individualidade.

DIAS 19 DE 20 DE SETEMBRO



Centro Cultural de Belém, Lisboa

CINEMA



MOTELX

Este é um dos festivais de cinema mais emblemáticos da cidade. A muito especial 20.ª edição do MOTELX - Festival Internacional de Terror de Lisboa inclui filmes que passaram por vários festivais internacionais como “AnyMart”, de Yusuke Iwasaki, um olhar sobre o lado sombrio do mundo laboral japonês; “Species”, obra de estreia da francesa Marion Le Correller; e “The Birthday Party”, thriller de Léa Mysius, protagonizado por Monica Bellucci e Hafsia Herzi. A grande novidade deste ano é a secção “Lost in Europe: O Terror por Detrás da Cortina de Ferro”, ciclo que redescobre cinematografias europeias esquecidas. O MOTELX colabora também com o Goethe-Institut, numa reflexão sobre a morte, com a participação no ciclo “Falar sobre a Morte (Nunca Matou Ninguém)” que inclui três obras centrais do cinema de género alemão.

ENTRE 3 E 13 DE SETEMBRO

Cinema São Jorge e
Cinemateca Portuguesa,
Lisboa

MOÇAMBIQUE

CINEMA

Kugoma 2026 – Fórum de cinema de Moçambique

**Centro Cultural Franco
Moçambicano e Cineteatro
Scala, Maputo**

O Kugoma realiza a sua 16.ª edição com sessões de cinema, oficinas, debates e pesquisa. Desde 2010, o cinema de Moçambique, dos PALOP (países de língua oficial portuguesa) e da diáspora, tem destaque no maior evento do setor no país, uma das maiores plataformas de cinema independente focada nos PALOP. Esta é uma iniciativa da Associação dos Amigos do Museu do Cinema em Moçambique e um projeto PROCERIS, financiado pelo Camões, I.P. - Cooperação Portuguesa em Moçambique.

ATÉ 5 DE SETEMBRO



ARTES



Configurações Performativas

**Centro Cultural Franco-
Moçambicano, Maputo**

A nova exposição de Ventura Mulalene e Fernando Chaleque cruza pintura e escultura para explorar a figura humana, a memória, o ambiente e as diferentes formas como nos relacionamos com os espaços que habitamos. Duas práticas artísticas distintas, em diálogo numa mesma exposição. Enquanto a obra de Fernando Chaleque retrata os dilemas da humanidade perante as ameaças das alterações climáticas, a criação artística de Ventura Mulalene nasce da necessidade de revisitar e documentar o arquivo familiar, dando significado a memórias e experiências associadas aos contextos urbanos.

ATÉ 12 DE OUTUBRO

EUROPA

ARTES

Carmen Laffón: Variações

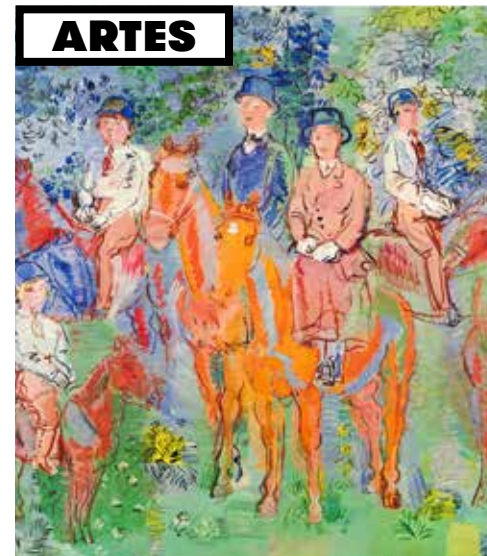
**Museo Nacional Thyssen-
Bornemisza, Madrid**

Esta grande exposição, dedicada à pintora e escultora sevilhana Carmen Laffón, gira em torno do universo figurativo singular da artista e apresenta as ideias e os motivos centrais das suas composições, que reaparecem como variações ao longo da sua carreira de mais de sessenta anos. A mostra reúne 77 obras, incluindo pinturas a óleo, desenhos a carvão e esculturas, que estabelecem um diálogo entre as diferentes fases da sua trajetória. No início da carreira, Laffón retratava objetos e paisagens sob uma perspectiva realista, depois passou a aproximar-se quase da abstração.

ATÉ 27 DE SETEMBRO



ARTES



Raoul Dufy

Centro Pompidou, Paris

Esta retrospectiva é dedicada a um dos artistas mais populares da cena francesa da primeira metade do século XX. A mostra presta homenagem ao gênio versátil de Raoul Dufy, cuja obra, longe de se limitar à pintura de cavalete, estende-se ao desenho, à gravura, à cerâmica e à arte têxtil. A exposição apresenta cerca de 100 obras no estilo inconfundível do artista e explora, entre outros aspetos, as suas conexões com a Normandia e as suas inspirações musicais. Raoul Dufy ficou conhecido como paisagista, seguindo os passos do Impressionismo, tendo figurado entre os pintores mais importantes do movimento Fauvista, em Paris.

ATÉ 20 DE SETEMBRO

PARA LER



O meu nome é Emilia del Valle Isabel Allende

São Francisco, 1866. Uma freira irlandesa, abandonada após uma fugaz relação com um aristocrata chileno, dá à luz uma menina a que chama Emilia del Valle. Criada com devoção pelo seu carinhoso padrasto, Emilia tornar-se-á uma jovem autónoma e independente, que desafiará as normas sociais do seu tempo para seguir a sua verdadeira paixão: a escrita. Com 17 anos, publica o seu primeiro romance de cordel, sob pseudónimo masculino, e depois ingressa no jornalismo. Parte para o Chile, com o colega Eric Whelan, para cobrir a guerra civil, onde se vê numa encruzilhada, o que coloca em questão a sua identidade e o seu destino.

Morro da Pena Ventosa Rui Couceiro

Lá no cimo, nesse Porto antigo, fica o morro da Pena Ventosa, com casas encavalitadas umas nas outras. Nelas sobrevivem, a custo, os velhos moradores, que dão o colorido às vielas escuras, onde o sol quase não chega. E é no morro da Pena Ventosa que vivem as personagens deste livro, a Beta e a avó, a D. Lisete e o Dr. Belarmino, o Navalhadas, o Luís Miguel Ideias, O-da-Pastinha... Ou assim é, até a narradora nos trocar as voltas. Ficção e realidade entretecem-se habilmente nas mãos de Rui Couceiro. Um livro que é uma ode à cidade do Porto e às suas gentes, tocando temas como a gentrificação, as alterações climáticas e a perda.



Seoul

Só estive um dia em Seoul, infelizmente, mas consigo deixar alguma dicas do que se pode visitar na capital da Coreia do Sul. Como características principais diria que a cidade é, ao mesmo tempo, tradicional e tecnológica. Em Seoul podemos recuar no tempo até à Dinastia Joseon, ao visitar alguns dos seus palácios. O Gyeongbokgung é o maior e é muito impressionante. Mas, na minha opinião, o lugar perfeito para observar a herança cultural de Seul são as vilas Hanok, onde subsistem casas coreanas centenárias. A Bukchon Hanok fica mesmo no coração da cidade e é lindíssima. Outros locais “de culto” são a livraria Dae-o Bookstore, a mais antiga de Seoul, e o Gwangjang Market, um dos mais antigos mercados tradicionais do país, onde se vendem frutas e legumes, carne e peixe, roupa e artesanato... e comida maravilhosa. Não posso assegurar que sei com certeza o que comi, mas tudo o que provei era delicioso. Este é também o sítio perfeito para interagir com as pessoas locais.

Depois de um “cheirinho” de tradições, resta vivenciar a Seoul moderna. Cheio de restaurantes e bares, Gangnam é um bairro muito cool. E, pasmem-se, junto à estátua PSY a música “Gangnam Style” toca 24 horas por dia! Outro bairro criativo é o Hongdae, repleto de arte urbana colorida, e há ainda a Dongdaemun Design Plaza, com um edifício de arquitetura futurista para eventos. Para quem não resiste a tecnologia de ponta, o Kukje Electronic Center é imperdível, e para os amantes de outro tipo de compras, o Myeongdong é um distrito comercial a visitar.

VIAGEM

por Cátia Teixeira



DESDE 1973 NA VANGUARDA
DA ENGENHARIA



Vista do Paço, Paço de Arcos